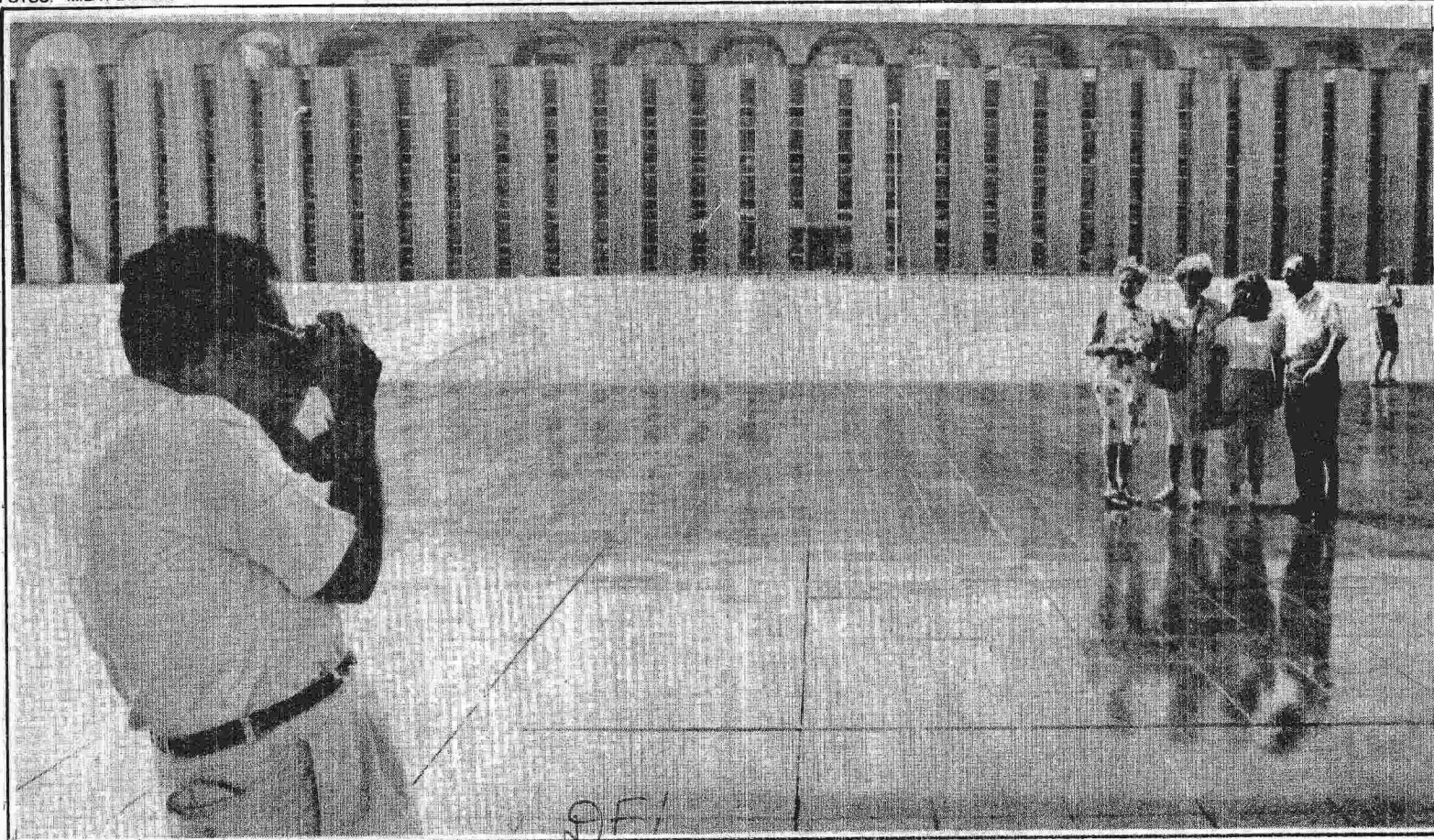


A riqueza arquitetônica de Brasília só atraiu um dos 24 espanhóis que integraram a excursão Pérolas do Brasil. Os outros reclamaram muito da cidade. Mesmo assim, fotografaram todos os pontos turísticos, como o Monumento a Caxias

FOTOS: MILA PETRILLO



BRASÍLIA PARA TURISTAS

Um patrimônio cultural, exótico e de má fama

Um grupo de turistas espanhóis em visita ao país - numa excursão sintomaticamente denominada Pérolas do Brasil - chegou a Brasília no início desta semana, onde cumpriu um dia de passeios. O CORREIO BRAZILIENSE os acompanhou, para constatar que, além de não ter muito boa fama no exterior, a cidade causa aos estrangeiros a mesma impressão que aos brasileiros que por aqui aportam: a de ser uma cidade fria e pouco identificada com o país.

ALEXANDRE RIBONDI
Editoria de Cultura



Turistas na Igreja de D. Bosco: eles não estão à procura de coisas divinas. Estão admirando o lustre

Uma visita ao Panteão da Pátria: para os turistas, tudo em Brasília é artificial e a cidade é muito fria



Fotografar é fundamental para os turistas. Um sorriso, um clic, e um novo país passa a fazer parte de sua bagagem cultural



Lua-de-mel em Brasília: em meio à seca, monumentos, vazios e pó de guaraná, a Aids é uma preocupação a menos para os casais

Quando, em setembro do ano passado, a fotógrafa italiana Marina Cirinei quis planejar sua viagem a Brasília, cidade que fazia parte de seus sonhos de artista apaixonada pelas formas arquitetônicas, ela deparou-se com os primeiros problemas em Roma - e de maneira surpreendente. A agência de viagem, ao saber de seu roteiro, tentou dissuadi-la e alegou: "Brasília não é cidade que se visite, não tem atrativos turísticos, ninguém vai lá". A agência errou. Marina Cirinei veio à cidade apesar de tudo e, a sua maneira, encantou-se com o que viu.

No entanto, mesmo com esta espécie de campanha contra Brasília, há excursões que incluem em seus planos a capital da República, cidade que é, definitivamente, um monumento arquitetônico e que está na lista dos patrimônios culturais da humanidade. Uma destas excursões batizada com o curioso título de Pérolas do Brasil, sai regularmente de Madrid, Espanha, e tem a intenção de mostrar estas jóias nacionais no período de 15 dias: Rio de Janeiro, Manaus, Salvador, Brasília e Foz de Iguaçu. Tudo isto ao preço de 2.500 dólares excluídos o almoço e o jantar.

Em Brasília, um desses grupos, que chegou às 18h10 da última terça-feira, teve menos de 24 horas para olhar e fotografar alguns dos pontos que fazem, bem ou mal, esta cidade ser também turística - em um país onde dinheiro de turista não é de se jogar fora. Pelo contrário, é de se juntar no bolso e esperar que o câmbio paralelo aumente a cotação do dólar, esta moedinha verde toda poderosa.

Que pensam os turistas quando chegam a Brasília? Como reagem os europeus à ideia de entrar em uma cidade que ainda não tem 30 anos e que é, portanto, mais jovem do que eles mesmos? Dos 24 espanhóis integrantes da excursão Pérolas do Brasil, onde havia quatro casais em lua-de-mel, apenas um, o advogado paulista José Maria Martin, fazia questão absoluta de conhecer Brasília: "Querida vir aqui por causa da riqueza arquitetônica, por ser um lugar curioso". Aliás, curioso o próprio José Maria também é: no ano passado, ele cancelou sua viagem ao Brasil para ir a um local de proporções ainda mais exóticas, o Vietnã.

Seus companheiros vieram porque a cidade fazia parte do roteiro estabelecido pela agência. "Tanto faz", disseram todos. Ainda no aeroporto, com um calor que alcançava os 30 graus e uma umidade relativa do ar que desceia aos assustadores 16 por cento, eles se preparavam para as primeiras impressões.

Carmen Ballestra, de Barcelona, abriu o rol das considerações: "Péssima impressão, apesar de estar aqui há dois minutos". Entende-se o desgosto da turista, que saiu do avião com necessidade de ir ao sanitário justamente em uma das poucas horas de rush do aeroporto de Brasília. Ela continuou: "Os banheiros são assquerosos e são coisas assim que mostram a cultura de um povo". Portanto, seguindo este raciocínio, Carmen Ballestra já deu seus primeiros passos acreditando que Brasília teria uma cultura relativamente escatológica.

O médico catalão Gerardo Palla, da cidade de Barcelona, torceu a cara e exclamou: "Já não gostei porque é preciso caminhar do avião até o aeroporto. E sei que a cidade é moderna, com muito conforto apenas para os deputados e os senadores".

É preciso não esquecer que, além de tirar fotos, reclamar faz parte da personalidade de um verdadeiro turista, principalmente se ele faz o estilo hotel-monumento-aeroporto, e que os integrantes do Pérolas do Brasil acabavam de chegar da calorenta Manaus, na selva amazônica. Mesmo assim, Pe-

dro Rodriguez chegou acreditando que não gostaria e partiu na fé de que tudo era um pouco pior do que havia imaginado. Mas consumiu dólares em um hotel cinco estrelas e em restaurantes de igual constelação.

De maneira geral, os turistas vêm a Brasília para repetir um clichê que não é só nacional, mas que já atravessou os mares: Brasília é uma cidade fria, sem calor humano. A frase tem o sabor requentado dos lugares comuns, das frases excessivamente banais, mas deve ter seu ponto de verdade. Neste grupo Pérolas do Brasil, os comentários foram exatamente estes: "Não há pessoas nas ruas", "Não há carros", "Tudo é artificial", "Ah, não gostei!" e apenas uma pessoa, a estudante Pilar Puyal, conseguiu ser razoavelmente original ao exclamar: "É uma Pérola do Brasil".

O roteiro brasileiro inclui aeroporto, hotel (de que todos,

sem exceção, reclamaram indignados), Torre de Televisão, Esplanada dos Ministérios, Igreja Dom Bosco, Palácio da Alvorada e Sítio Militar Urbano, além de uma quadra modelo, a 302 Sul. Na Torre de Televisão, que foi visitada à noite, a grande maioria quis ver "o lado do avião" que seria a forma da cidade. Não viram e, ao entrarem no elevador para descerem, estavam decepcionados. No Palácio do Itamaraty, houve uma certa atmosfera de silêncio respeitoso diante da elegância do prédio, reconhecido como "Palácio Tropical". Mesmo assim, o médico Gerardo Palla torceu o nariz e verbalizou outros clichês: "Tudo vazioso, amplo demais". Aliás, foi ele quem mais reclamou de tudo e somente conseguiu expressar um "é precioso" ao entrar na Igreja Dom Bosco. De resto, torcia a cara enquanto seus companheiros de viagem apontavam as máquinas foto-

gráficas.

Em essência, o turista convencional, este ser viajante sem aventuras, gosta de fotografar. Passa pelos locais a passos rápidos e se detém apenas para registrar as imagens que as fotografias comprovam, e, aí, as fotos têm o mesmo valor fundamental que os cartões postais: prova irrefutável de que o turista esteve lá. Nesta mesma linha de comportamento, com o dinheiro que desembolsou para o passeio e com a possível expectativa que sua viagem provocará em seu círculo de conhecimento de sua cidade de procedência, fica garantido também que o turista gosta do que vê. Caso contrário, seria humilhação demais ao voltar para casa, e ele não causaria brilhos de desejo nos olhos dos amigos ao contar o que viu.

Mesmo assim, Brasília parece não haver sido totalmente aprovada. Narizes torcidos fo-

ram constantes. Alguns visitantes lembravam que a cidade, moderna demais e muito limpa, mostrava pouco do verdadeiro Brasil, este que eles haviam conhecido na conturbada cidade do Rio de Janeiro e na efervescente Salvador.

Também aqui, devido ao cansaço, todos traziam em suas bolsas, ao lado dos dólares e dos passaportes, um frasco de guaraná em pó, produto milagroso do qual ouviram falar em Manaus. Queriam detalhes: é droga? Cria dependência? Quantas colheres se toma ao dia? Os mais velhos, em um grupo cuja média de idade variava entre os 20 e os 60 anos, queriam certificar-se de que o pó era mesmo afrodisíaco. Juan José Aparício, um dos integrantes da lua-de-mel em grupo, chegou o momento em que perguntou à sua companheira: "Onde está o meu maracanã?" Ela não soube o que ele queria dizer, no que foi

acompanhada por todos os outros. Ele insistiu: "Meu maracanã, meu maracanã". Na verdade, era quase hora de se recolher, ele procurava o seu frasco de guaraná e se enganava com os sons indígenas.

RECESSO SEXUAL

Os casais em lua-de-mel e os casados de longa data estavam mais tranquilos que os solteiros no grupo. O motivo desta descontração de um lado e preocupação do outro é a propagação do vírus da Aids nacional - sua fama também já atravessou o mundo. Com a imagem de um país miserável, integrante definitivo do Terceiro Mundo, com um sistema sanitário precário, o Brasil é um prato salitante de enfermidades para os turistas. Todos têm medo, exceção feita ao médico Gerardo Pallas que virou o rosto e disse nunca haver se preocupado com isto - mas tampouco provocava a onça com a vara curta e, por isto, ficou celibatário todos os dias em que esteve no Brasil. Já o advogado José Maria Rodriguez mostrava receios e vontade de falar a respeito. Em sua bagagem, ao contrário do pó de guaraná, havia uma pequena mas eficiente coleção de preservativos de borracha, de fabricação espanhola. "Para uso pessoal", explicou. E avisou que evitou fazer este tipo de compra no Brasil por não confiar nos produtos nacionais. "Os daqui se rompem, não sei de que material são feitos". Por que tanta má fama? "Não se pode confiar no serviço de saúde deste País".

As comparações com a cidade do Rio de Janeiro eram inevitáveis. Para o advogado José Maria, "o Rio é lindo mas desorganizado urbanisticamente, o que incomoda". Para o fisioterapeuta paulista Angel Gonzales, "Brasília é feita mas surpreende pela amplitude, pela organização e pela falta de confinamento". Com um passeio que incluía apenas as fachadas externas dos prédios (entraram somente no Panteão), todos encontravam o momento de comentar que a cidade é uma "selva de asfalto". A noite, reclamaram da iluminação precária e um dos turistas comentou com a esposa: "São apenas 110 volts, não são? Se fossem 220, veríamos melhor". O turista não sabia, e saiu sem ser informado, que a capital da República é uma das raras cidades do Brasil com 220 volts em sua corrente elétrica. Mesmo assim, não viu os detalhes noturnos e voltou para o hotel com os olhos cansados.

Durante a noite, no hotel, todos se muniram de copos d'água, toalhas molhadas e cuidados com a seca. Alguns não acreditaram na necessidade da precaução, aconselhada pela guia turística, e partiram para o descanso. O médico Gerardo Pallas perguntou pelo endereço de uma casa noturna. Ninguém soube lhe informar. Ele reclamou e foi dormir. O casal Martin, da Catalunha, acordou durante a noite acreditando estar no meio de uma tempestade tropical. Não estava: era o ocupante do quarto no andar acima que se banhava com a ducha forte. Chegaram ao hall reclamando da precariedade do hotel.

Quando, às 12 horas do segundo dia, a excursão foi encerrada, todos estavam preocupados com suas malas e com o restaurante onde possivelmente comeriam pela última vez em Brasília. Eles, com certeza, não voltarão e apenas dirão, em casa, que viram vagamente uma cidade moderna, de céu azul, ar seco, construções brancas, vazia de sentimentos e de pessoas, onde passaram 20 horas. Apeterechados de novas fotografias, para as quais todos posaram pronunciando a palavra inglesa whiskey para que a boca tivesse o traço de um sorriso, eles partiram em direção ao Sul do País.

Ao se despedir da cidade, Patricia Alvarez, especializada em História da Arte, que havia se encantado com o "elogio à arquitetura" que é Brasília, comentou: "Esta cidade me faz pensar em Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley". E não era um cumprimento. Afinal, o romance do inglês Huxley descreve, com detalhes horripilantes, uma sociedade do futuro onde as cidades e seus habitantes são programados e onde não sobra espaço para atitudes individuais. Foi esta sua impressão e, cá entre nós, houve exagero de sua parte.